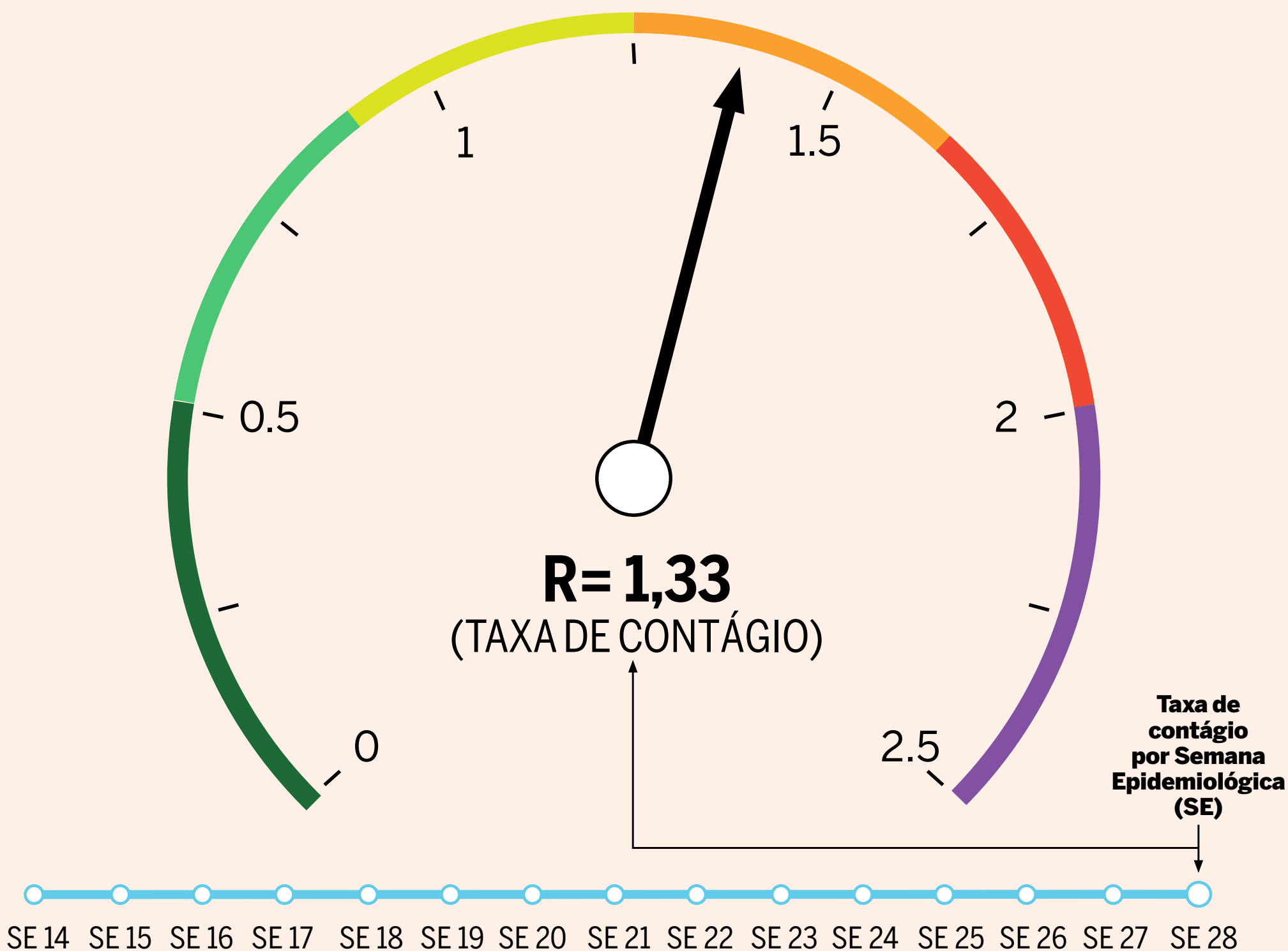




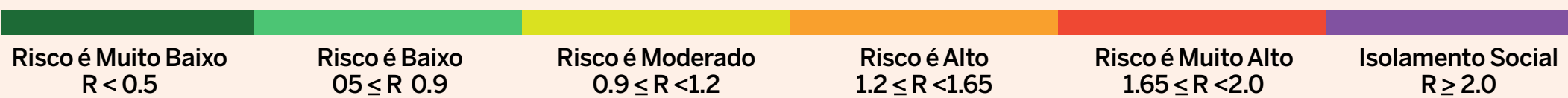
Professora Ana Lucia (foto) diz que pandemia impõe reflexão sobre as práticas de ensino tradicionais

UFRJ PRORROGA CONTRATOS DOS PROFESSORES SUBSTITUTOS

Página 5



Fonte: Secretaria de Estado de Saúde. Atualizado em 30/07/2020, com dados até 30/07/2020. <https://dadoscovid19.cos.ufrj.br/>



COVIDÍMETRO

Ferramenta desenvolvida pela UFRJ para monitorar a velocidade de contágio do novo coronavírus no Rio de Janeiro começa a ser adaptada para auxiliar o planejamento do retorno gradual das atividades presenciais da universidade. Mas a meta parece distante, de acordo com a previsão mais atualizada do próprio covidímetro: medidas de flexibilização do isolamento social podem mais que triplicar número de infectados no estado, em apenas dois meses

EDITORIAL

AJUSTAR O PASSO E CAMINHAR JUNTO

DIRETORIA

Alguns passos importantes foram dados nessa semana: começaram as inscrições dos estudantes no PLE, e com isso os problemas passam a ter contornos mais nítidos. Por isso, estamos nos preparando para montar uma efetiva rede de proteção para o desenvolvimento das atividades emergenciais de ensino remoto, para o qual estamos sendo levados por conta da política de isolamento social. Ainda não conseguimos trazê-la como notícia, mas está em gestação e ganhará corpo na próxima edição do jornal.

Também essa foi a semana em que realizamos a nossa primeira assembleia virtual e o ANDES realizou o primeiro Conad extraordinário online. Prorrogamos o mandato de nosso sindicato nacional, com a previsão de realização de um novo Conad em setembro. Embora crucial nesse momento, infelizmente, caminhamos pouco para construir uma poderosa unidade no movimento docente. Sem a possibilidade de modificar os textos das propostas enviadas para votação, durante o Conad ficamos restritos a aprovar ou rejeitar as teses apresentadas. Não houve espaço para construirmos uma nova proposta, que fosse fruto de um entendimento entre as três que estavam colocadas em pauta. Esperamos que esse entendimento possa ser construído nos próximos meses. Mais do que nunca, precisamos ajustar o passo e caminhar juntos, pois essa é a única garantia que possuímos para barrar de forma efetiva o avanço de proposições autoritárias e de tentativas de controle sobre o pensamento e a produção de conhecimento no país.

Ao mesmo tempo, de modo tenebroso, nos aproximamos dos 100.000 mortos por Covid-19 oficialmente reconhecidos. Uma tra-

gédia anunciada cuja dimensão poderia ter sido bastante reduzida.

O país está à deriva, não há nenhum projeto, diretriz ou proposição clara das autoridades sanitárias nacionais. Esse abandono a que estamos submetidos não tem paralelo em nenhum lugar do mundo. Não somos uma nação tão pobre ou carente de recursos que não possa dar o devido enfrentamento à pandemia. Ao contrário. Apesar da desigualdade social e do subfinanciamento que existe em relação ao sistema de saúde, temos uma rede de assistência universalizada que, recebendo recursos e orientações claras, poderia ter se tornado um exemplo mundial de eficiência por sua capilaridade em todo o território nacional. Ocupamos a vergonhosa segunda posição no pódio das nações em relação ao número de mortos e infectados pelo Coronavírus. Camuflam-se e escamoteiam-se os dados. As universidades e institutos de pesquisa continuam desempenhando um papel central, garantindo o pouco que ainda resiste de orientação no debate público. Parece, entretanto, que lutamos sozinhos contra essa enorme maré de descaso e imprevidência.

Mas é precisamente por haver uma sensação de cansaço e de isolamento que nossa participação se torna ainda mais necessária. As universidades são hoje o principal anteparo para garantir que não haverá um retorno precipitado das aulas presenciais, principalmente no ensino fundamental e médio. Uma verdadeira batalha está sendo travada nesse sentido, e não podemos abrir mão do papel social que temos a desempenhar nesse momento. É nessa direção que temos trabalhado, junto às entidades da UFRJ, junto às entidades da educação no estado do Rio de Janeiro, e em todos os fóruns nacionais que viermos a participar. Em defesa da vida e da democracia, fora Bolsonaro!

VÍDEO NEGACIONISTA DO SINEPE REVOLTA PROFESSORES

O Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio de Janeiro (Sinepe-Rio) divulgou, no dia 26, um vídeo em defesa da volta às aulas presenciais. Com argumentos contrários às orientações mais elementares das autoridades sanitárias, a propaganda causou indignação nas redes sociais e entre educadores.

No vídeo, uma narradora dispara frases como "Aprendemos a conviver com o vírus"; "O Covid nunca irá de todo, o que acaba é o medo" e "Estudos só confundiram. Trancar todos em casa não é a ciência".

"É um absurdo. O vídeo chega a ser criminoso", disse Oswaldo Teles, presidente do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (Sinpro-Rio). "Nega a ciência e, de uma certa maneira, desrespeita os mais de 90 mil mortos pela doença no Brasil".

O Sinpro-Rio já se manifestou contra a volta das aulas presenciais. "Abrir as escolas agora é colocar em risco a comunidade escolar", disse Oswaldo. "As escolas devem ficar fechadas até que instituições de pesquisa sérias digam que pode haver um retorno com segurança".

Enquanto isso, o sindicato apoia o ensino remoto como medida emergencial. "Somos contrários a qualquer tipo de educação a distância para o ensino básico, mas estamos a favor das aulas remotas no contexto da pandemia", contou o professor, que reconheceu as muitas dificuldades na adaptação ao meio virtual.

Segundo Oswaldo, escolas particulares, algumas delas associadas ao Sinepe-Rio, criticaram o vídeo. "Conversamos com donos e diretores de escolas. Eles precisam voltar por uma necessidade econômica, mas acham que a decisão da volta precisa ter base científica", afirmou. Segundo ele, entre as escolas estão instituições religiosas de ensino, o Grupo QI, o Colégio São Vicente de Paulo, o Centro Educacional Anísio Teixeira (CEAT) e a Escola Parque.

As duas últimas se manifestaram publicamente sobre o tema. "Queremos expor nossa perplexidade e nosso veemente repúdio ao vídeo sobre o retorno às atividades presenciais divulgado pelo Sinepe", diz a nota do CEAT.

O texto também afirma que o colégio "sempre esteve e sempre estará conectado à ciência". Já a Escola Parque enviou para os pais e alunos um comunicado em que



diz: "Embora filiada ao Sinepe-RJ, não concorda com o conteúdo do vídeo quanto às razões para retornar às aulas presenciais".

"Nós ficamos indignados com o vídeo. Ele não condiz com o que se espera de um sindicato que representa a escola, que representa a educação", explicou a diretora pedagógica da educação infantil da Escola Parque, Viviane Monteiro. A Parque começou a oferecer atividades remotas para os alunos desde a primeira semana de isolamento social, em março, e não tem previsão para as aulas presenciais. "Nós não tínhamos outra opção. Era o que estava sendo colocado no momento. Não existe a opção de não ter escola. A Parque não se propõe a ser uma escola online. Ela é uma escola presencial que está oferecendo um trabalho

online para este momento", disse. Um grupo de pais e mães de alunos se organizou para pressionar as escolas particulares contra a volta das atividades presenciais. Há uma petição pública online com críticas contundentes ao Sinepe-Rio, chamando o vídeo de obscurantista e tratando a posição do sindicato patronal como negacionista da pandemia. "Além do desrespeito à vida e à inteligência das famílias que possuem vínculo com as escolas, desperta horror o descompromisso com suas e seus trabalhadoras/es", diz um dos trechos do abaixo-assinado, que também exalta a ciência e seu alerta sobre a importância do isolamento social para o controle da pandemia. A petição já conta com a assinatura de mais de 2,8 mil pessoas. (Lucas Abreu)



VERSOS PARA O QUERIDO LIVREIRO

■ Homenagem ao livreiro Sebastião Mendes de Carvalho, que por décadas ajudou a formação de professores e estudantes com seus livros e histórias. Ele morreu no dia 27 de julho

todo sebo é o pretérito imperfeito dos livros como um rio cujo leite fosse feito de acúmulo e mistura do que livra de si cada leitura

é todo livro um seixo que polido devolve-se ao comércio a ser relido e devolvido o livro não obstante espregite outro leitor de sua estante

um rio o corredor com seu livreiro que faz de todo livro um verdadeiro motivo desta gente que dispersa para para comprar ou por conversa

sempre doce o sorriso em seu trabalho imprime na lembrança seu Carvalho

Marcelo Diniz.
Professor da Faculdade de Letras

JURÍDICO ATENDE DEMANDAS RELACIONADAS AO ENSINO REMOTO

A diretoria da AdUFRJ prepara o plantão jurídico para casos relacionados ao Período Letivo Excepcional (PLE). Todos os docentes sindicalizados que se sentirem prejudicados podem entrar em contato pelo email atendimento-juridico@adufjr.org.br.

"O ensino remoto emergencial trouxe várias questões delicadas para os professores: direitos autorais e de imagem, disponibilização e gravação de conteúdos, possíveis constrangimentos institucionais", explica o diretor Felipe Rosa. "Com isso, estamos abrindo um canal do nosso atendimento jurídico exclusivo para questões relativas ao PLE", completa o professor.

Covidímetro da UFRJ mede taxa de infecção no estado

> Ferramenta desenvolvida pelo GT-Coronavírus calcula cenário atual e futuro da pandemia no Rio. Será adaptada para o planejamento do retorno das atividades presenciais na universidade

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

A UFRJ criou uma das principais ferramentas utilizadas para monitorar a pandemia de Covid-19 no Rio de Janeiro. O Covidímetro foi desenvolvido pelo GT Coronavírus e é utilizado pelo poder público e por veículos de imprensa para medir a propagação da doença no estado. Hoje com mais de 160 mil infectados, o Rio pode chegar a 492 mil casos nos próximos dois meses, se o isolamento social for afrouxado. Os números assustam, mas correspondem à previsão mais atualizada do Covidímetro da universidade.

"Nós procuramos por modelos que nos trouxessem uma representação mais realista possível da situação de risco que estamos vivendo", explica o professor Guilherme Horta Travassos, do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe. "Elaboramos então uma maneira de calcular o 'R', índice que está associado à ideia de velocidade da propagação da doença", conta o professor.

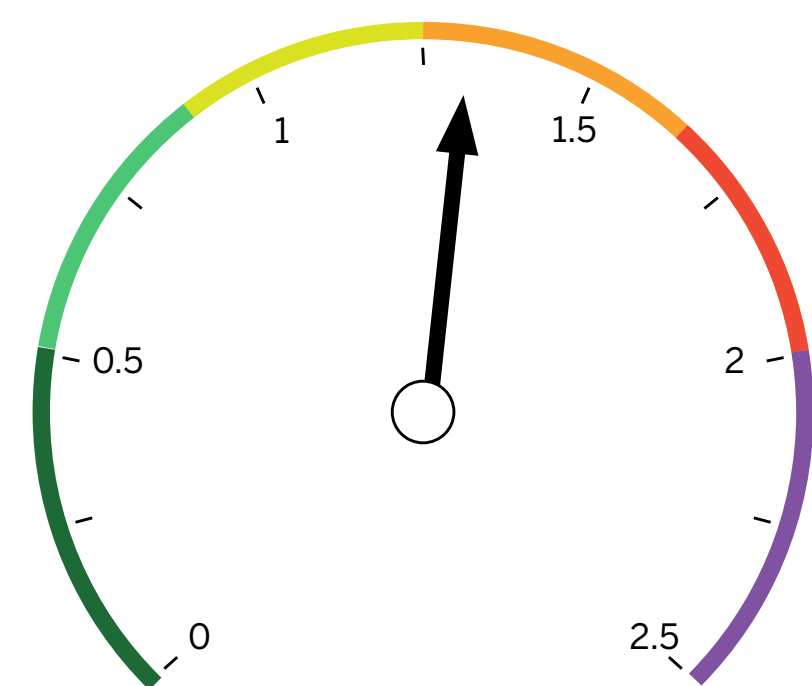
Um dos diferenciais do Covidímetro é a apresentação gráfica da velocidade do contágio e que permite uma comunicação mais direta com a sociedade. "O cálculo é muito legal do ponto de vista matemático, uma linguagem que indivíduos envolvidos com o estudo do fenômeno conseguem capturar. Mas não dá para apresentar para a sociedade. Foi onde surgiu a ideia de apresentar de uma forma lúdica", explica o professor.

"Nós utilizamos um modelo estatístico alinhado a uma série temporal, e que tem se mostrado muito robusto", conta o médico infectologista Roberto Medronho, coordenador do GT Coronavírus. "O problema é que grande parte da população teria dificuldade de entender esse processo e o que ele significa. Mas quem olha o Covidímetro sabe, de imediato, se a situação está piorando ou melhorando. É uma representação que se comunica rapidamente com a população", completa Medronho.

O Covidímetro está disponível no hotsite do coronavírus da UFRJ. Nele, o 'R' é mostrado como um ponteiro dentro de uma escala de risco e corresponde à quantidade de pessoas que um indivíduo contaminado pode infectar. Justamente por

COVIDÍMETRO UFRJ/RIO

'R' estimado para 19/07 e índices calculados com data de início dos sintomas até 25/07/2020 com base recebida em 27/07



R= 1,24

LETALIDADE= 10,61%
ÓBITOS= 11205
CASOS ACUMULADOS= 105585

Cidade do Rio de Janeiro; Niterói; Duque de Caxias; São Gonçalo; Nova Iguaçu; São João do Meriti; Petrópolis; Belford Roxo; Nilópolis; Mesquita; Magé; Teresópolis; Queimados



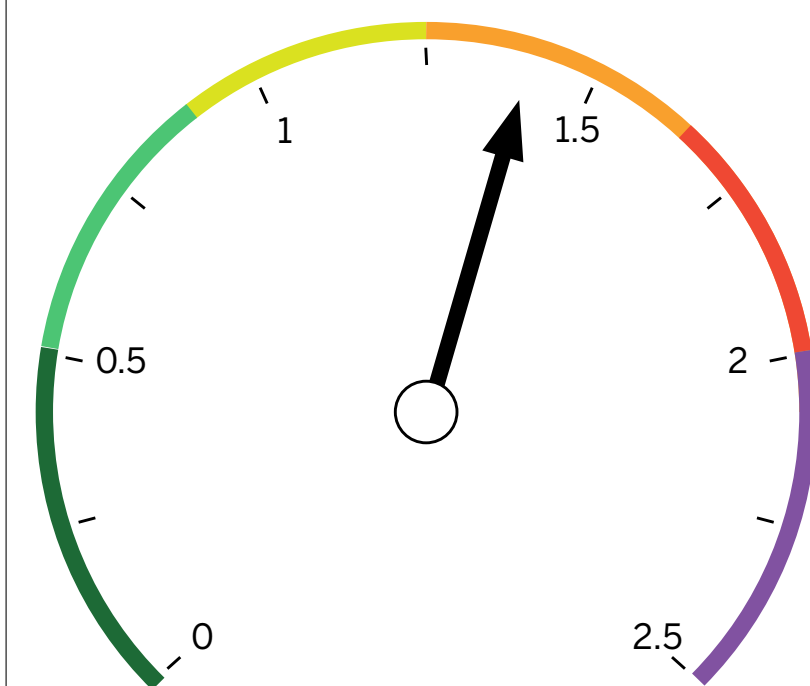
isso, ele reflete a aceleração do contágio. Se o valor de 'R' está abaixo de 1, a pandemia está sob controle e os riscos são baixos. Mas qualquer valor acima de 1 exige atenção e medidas de prevenção.

"O grande diferencial é o modelo que está por trás da construção do Covidímetro. A base é orientada pelo conhecimento médico que se tem da infecção e pelos conhecimentos epidemiológicos, mas ele também considera uma série de dados, como a mobilidade da população, por exemplo. Ele não é só um modelo teórico, mas também traz informações do mundo real", destaca o professor Medronho.

A "referência", ou seja, a maneira como o índice "R" é calculado, é outro ponto de destaque do Covidímetro. "O R normalmente é inferido a partir da curva que expressa o número de casos, é o quão inclinada a tangente está", explica o professor Guilherme Travassos. "Ao invés

COVIDÍMETRO/ MACAÉ

'R' calculado para 19/07 e índices calculados com data de início dos sintomas até 25/07/2020 com base recebida em 27/07



R= 1,38

LETALIDADE= 5,61%
ÓBITOS= 407
CASOS ACUMULADOS= 7249

Macaé; Rio das Ostras; Cabo Frio; Casimiro de Abreu; São Pedro Da Aldeia; Campos dos Goytacazes; Quissamã; Araruama; Iguaba Grande; Cantagalo; Carapebus; Macuco

"Nós procuramos por modelos que nos trouxessem uma representação mais realista possível da situação de risco que estamos vivendo. Elaboramos então uma maneira de calcular o R, índice que está associado à ideia de velocidade da propagação da doença"

GUILHERME HORTA TRAVASSOS
Professor de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe

de fazer o desenho da curva, nós calculamos a evolução ponto a ponto na linha do tempo, calculando o R em cada ponto. Assim, temos o R mais aproximado possível. Ao invés de inferido, ele é calculado", destaca o docente.

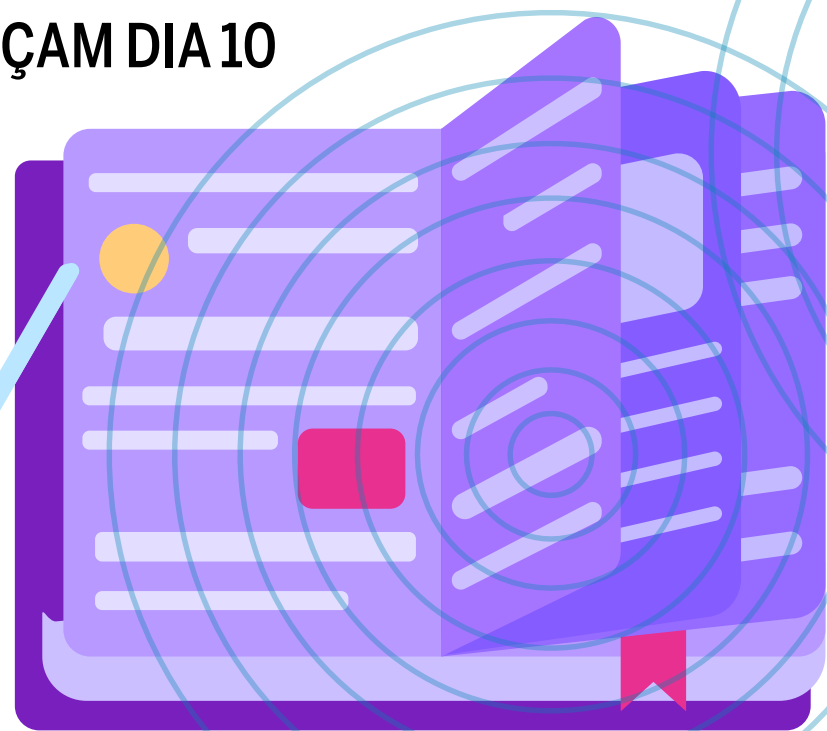
Este modelo permite que o sistema seja usado para prever cenários futuros da pandemia no Rio. Para isso são considerados dados como as quantidades de infecções e óbitos registrados e o índice de isolamento social do estado. "Até agora os resultados estão absolutamente coerentes, dentro da região de confiança que a gente tinha previsto", afirma Travassos. "E se por um lado é uma alegria ver um modelo realista o suficiente funcionando, ao mesmo tempo ele ajuda a ver o que vai acontecer, e é muito triste".

Agora, os professores que desenvolveram o sistema trabalham para adaptá-lo para que ele possa ser a referência no planejamento de retorno gradu-

al das atividades presenciais da UFRJ. Para isso, foi necessário alterar a área de abrangência do Covidímetro. "Usamos um conceito semelhante para compor uma região UFRJ e uma região Macaé. Com base no nosso corpo funcional e discente, foi fácil identificar de que municípios vêm as pessoas da universidade. Esta foi a primeira iniciativa, o modelo está em evolução", ressalta Travassos.

"A intenção é ter modelos diferentes para o Fundão, para a Praia Vermelha e outros campi. E vamos tentar buscar parâmetros adicionais que dizem respeito ao funcionamento da universidade, como a disponibilidade funcional, de estrutura", contou o professor, que fez questão de reafirmar que o Covidímetro da UFRJ não vai ser determinante para decidir se as atividades presenciais voltam ou não, mas vai ser uma das informações que poderá subsidiar a decisão.

AULAS REMOTAS COMEÇAM DIA 10



Alunos reclamam do SIGA e das poucas vagas oferecidas

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

As aulas remotas da graduação começam no próximo dia 10. Os estudantes estão em fase de inscrição de disciplinas, pelo SIGA. O prazo foi aberto no dia 27, mas a instabilidade do sistema tirou todo o SIGA e o site da UFRJ do ar. O problema levou a universidade aos *trending topics* do Twitter, na segunda-feira. Agora, já com o sistema estabilizado, os estudantes correm para garantir as poucas vagas abertas nas disciplinas remotas.

O foco são alunos concluintes, mas estudantes de outros períodos também podem tentar as disciplinas, neste segundo momento da inscrição. A pri-

meira fase, destinada só aos formandos, foi encerrada no dia 25. Mas há casos em que as vagas abertas não dão conta nem mesmo dos formandos. “Há turmas abertas com apenas duas vagas, não chega nem perto de dar conta da demanda. A maior parte das disciplinas está só com dez vagas”, reclama a estudante Danielle Ramires, da Faculdade de Letras. Ela elaborou um guia com dicas para os colegas enfrentarem o Período Letivo Excepcional. Leia mais na página 5.

A professora Ângela Santi, do Departamento de Fundamentos da Educação, ainda não sabe quantos alunos vai receber, mas as duas disciplinas que dará terão em média 30 vagas. “É um momento de muitos desafios, de revisarmos nossas limitações em sala de aula. Nas nossas dis-

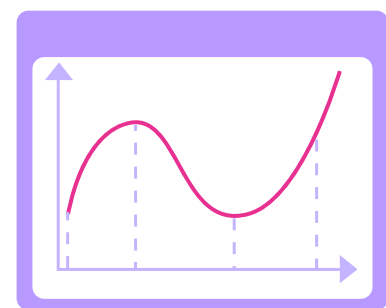
ciplinas, estamos pensando em atividades que não sejam a reprodução do que seria dado em sala de aula, mas que estejam conectadas com esse novo momento, em avaliações alternativas”, destaca a docente. “É um momento de aprendizados para todos. E que também abre novas possibilidades de experimentação, então estamos buscando reafirmar essa experimentação como condição pedagógica”, defende.

A Faculdade de Medicina é a exceção ao calendário da graduação. As aulas virtuais dos cursos de Medicina do Rio e de Macaé, Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Fonoaudiologia iniciaram no dia 13 de julho. E seguem remotas até 31 de outubro, mesma previsão dos demais cursos de graduação da universidade. O prazo compreende



“Há turmas abertas com apenas duas vagas, não chega nem perto de dar conta da demanda. A maior parte das disciplinas está só com dez vagas”

DANIELLE RAMIRES
Aluna da Faculdade de Letras



o Período Letivo Excepcional, aprovado pelo Conselho Universitário.

A pós-graduação tem início na próxima segunda-feira, dia 3. A professora Silvana Alodi, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, mantém atividades remotas com suas turmas desde abril. “Foi uma demanda dos meus alunos”, ela explica. “O grande problema é a rede, que muitas vezes cai durante os encontros. Os alunos perdem a conexão, quando retomam, o tema já avançou. Outras vezes eu demoro a conseguir conectar”, conta. “Mas tanto os estudantes da graduação quanto da pós-graduação estão muito engajados. Meu único receio é o aproveitamento deles ser menor do que nos encontros presenciais, porque o meio virtual pode causar maior dispersão”.

o administrador de sua unidade e realizar a atualização de seus dados.

Há também um conjunto de recomendações e normas de biossegurança para o retorno gradual da universidade. O grupo orienta que a administração central monte um Comitê de Biossegurança para Covid-19 para acompanhar a implementação das ações propostas pelo Grupo de Trabalho Pós-Pandemia da UFRJ. “É sempre importante reforçar que estas diretrizes, bem como o ensino remoto emergencial, não são coisas permanentes e não são Ead. É uma outra modalidade de ensino, para lidarmos com o momento da pandemia”, reforçou o professor Bruno.

(Silvana Sá)

UFRJ renova contrato de mais de 350 professores substitutos

> Medida era reivindicação da AdUFRJ e está condicionada à atuação nas aulas remotas. Reitoria calculou impacto das renovações nos gastos com pessoal em função de novas dificuldades orçamentárias

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

A universidade vai renovar os contratos de todos os substitutos que participarem do Período Letivo Excepcional. O anúncio foi feito pela reitoria em uma plenária de decanos e diretores realizada no dia 28.

Até a noite de quinta, 30 de julho, a reitora Denise Pires de Carvalho garantia que aproximadamente 380 dos 459 contratos vigentes seriam renovados. O número pode ser ampliado. Os cursos poderiam responder quantos substitutos irão atuar nas aulas remotas até a data de fechamento desta edição. “É fundamental podermos renovar os contratos daqueles que atuarão no PLE”, comemorou a dirigente. Os interessados deverão receber a comunicação formal na próxima semana, informou a professora.

Não foi uma decisão fácil. O processo de renovação dos substitutos, algo corriqueiro nas universidades, passou por um cálculo cuidadoso este ano em função de novas dificuldades impostas pela gestão Bolsonaro.

“Precisamos agora calibrar o emprego do orçamento de pessoal, que antes era de responsabilidade exclusiva do governo. Os gastos não estão assegurados na Lei Orçamentária, embora sejam despesas obrigatórias”, explicou o pró-reitor de Planejamento, professor Eduardo Raupp. “Em todos os anos havia problemas parecidos, mas o governo assegurava a suplementação. Agora, não”. A nova situação tem sido criticada via associação de reitores, a Andifes. “Isso impede o funcionamento adequado das universidades”, completou o dirigente.

A reitoria reuniu os dados de gastos com pessoal e fez uma projeção até o final de dezembro, com base nas séries históricas dos últimos anos. “Não temos como saber exatamente quantas progressões ou promoções vão ocorrer. Ou seja, quanto a folha vai crescer”, afirmou Raupp. Com a entrada dos dados de julho, as pró-reitorias de Planejamento e de Pessoal verificaram que as despesas com o atual número de substitutos caberiam na equação. “O déficit projetado caiu para perto de zero. E pudemos autorizar essas renovações”.



ALÍVIO

Igor Alves, substituto na Faculdade Nacional de Direito, resumiu a sensação que ele e os colegas do segmento viviam antes do anúncio da administração central. “O sentimento era de desespero geral e irrestrito. As pessoas não sabiam o que vinha pela frente. Até alguns dias atrás, a notícia ‘de corredor’, nos burburinhos, era que nenhum contrato seria renovado na universidade inteira”, disse.

O professor, que já fez cursos nas plataformas virtuais e se sente preparado para o PLE, só não ficou satisfeito que a reno-

vação de todos os substitutos estivesse condicionada à atuação nas aulas online. “O PLE é opcional, mas os substitutos não têm opção. Ou considera que todo mundo está com problemas, ou considera que ninguém está com problemas”, afirmou. Por outro lado, Igor entende o posicionamento da UFRJ de dar uma resposta política ao governo federal que tenta, a todo custo, cortar recursos das universidades. “Mas poderia haver um meio-termo, de dar preferência aos que quisessem aderir ao PLE, em vez de deixar de fora sumariamente quem

não possa aderir”, avaliou.

A professora Dani Balbi recebeu com “muito alívio” a medida da reitoria. Substituta na Escola de Comunicação, estava apreensiva quanto à preservação do emprego. Mas observou que a situação também representava um grande problema para a UFRJ diante das dificuldades que as universidades federais enfrentam, nos últimos anos, para recompor seus quadros permanentes. “Aumentou muito o número de contratos de substitutos. Se não houvesse a renovação, a universidade teria um apagão de mão de obra docente”, disse.

A diretoria da AdUFRJ acompanha a situação dos substitutos de perto. Até a divulgação dos números finais deste processo de renovação, fica a preocupação se os que ficarem serão suficientes para suprir as necessidades da UFRJ no Período Letivo Excepcional e depois. “Se vão contratar pelos próximos seis meses, é um grupo que já está com turmas no PLE e com certeza estará na universidade quando começar o próximo período”, afirmou a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller.

GUIA ORIENTA COMUNIDADE PARA O ENSINO VIRTUAL

A UFRJ elaborou um guia para orientar a comunidade acadêmica no período de aulas virtuais. O documento, de 53 páginas, foi criado por uma comissão formada por 19 professores, 5 técnicos e 4 estudantes coordenados pelo vice-reitor, professor Carlos Frederico Leão Rocha. A publicação apresenta um diagnóstico dos desafios e impactos do ensino remoto, como, por exemplo, a manutenção da interação entre a complexa rede necessária à formação de professores, nos 39 cursos de licenciaturas da universidade, enquanto durar a necessidade de distanciamento social.

“Quando a reitoria montou a comissão, identificamos dois grandes gargalos: a inclusão

digital de todos os estudantes e a capacitação dos docentes e técnicos para uso das plataformas de ensino”, lembrou o professor Bruno Souza de Paula, um dos integrantes do grupo. “Com o tempo, surgiu a necessidade também de elaborar um guia que fosse resultado do trabalho da comissão, que pudesse orientar a comunidade acadêmica em relação ao ensino remoto, reunir tutoriais, mas que também indicasse algumas diretrizes para a etapa posterior, de retorno gradual das atividades presenciais”, explicou.

Além do diagnóstico, o guia apresenta tutoriais e links de apoio para atividades remotas, com orientações que incluem condições de inclusão digital

dos estudantes, treinamento de professores e formação também para os técnicos-administrativos atuarem nos ambientes virtuais. “Neste momento, em que o distanciamento social é medida necessária para o controle da pandemia e para a segurança do nosso corpo social, propomos a utilização de ferramentas que já são adotadas no cotidiano de alguns professores e estudantes”, explica trecho da apresentação do documento.

Para salas de aulas virtuais, a universidade treinou professores e técnicos nas plataformas AVA@UFRJ e Google Classroom. Cerca de 300 docentes e técnicos-administrativos foram treinados pelas equipes da TIC e do NCE para servirem como multiplicadores dos conteú-

dos aprendidos. “Houve duas rodadas de treinamento para atender a representantes de todas as unidades. A última sessão foi gravada para servir de material de consulta”, informou o professor Bruno, que é Coordenador do Núcleo de Ensino a Distância da PR-1. Os links desses tutoriais fazem parte do documento elaborado pela comissão.

Para a utilização dos recursos do Google Meet, Google Classroom e Google Drive, pelos docentes, a TIC irá criar uma conta temporária no domínio @eremoto.ufrj.br para aqueles que ainda não têm acesso à plataforma. Os docentes que já possuem acesso aos recursos do G-Suite Educacional deverão contatar

o administrador de sua unidade e realizar a atualização de seus dados.

Há também um conjunto de recomendações e normas de biossegurança para o retorno gradual da universidade. O grupo orienta que a administração central monte um Comitê de Biossegurança para Covid-19 para acompanhar a implementação das ações propostas pelo Grupo de Trabalho Pós-Pandemia da UFRJ. “É sempre importante reforçar que estas diretrizes, bem como o ensino remoto emergencial, não são coisas permanentes e não são Ead. É uma outra modalidade de ensino, para lidarmos com o momento da pandemia”, reforçou o professor Bruno.

(Silvana Sá)

ESTUDANTE CRIA TUTORIAL PARA COLEGAS

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

As aulas remotas estão tirando o sono de muita gente e deixando alunos ansiosos. Pensando nisso, Danielle Ramires, estudante da Faculdade de Letras, resolveu elaborar um tutorial para partilhar com seus colegas os aprendizados que obteve no seu curso particular de línguas e na pós-graduação da Letras, que assistia como ouvinte. Ambos migraram totalmente para o ambiente virtual. O resultado foi um material com um bate-papo sério, mas com linguagem simples e muitos memes. “Meus colegas se mostraram preocupados, nervosos mesmo, com o início das aulas remotas. Então pensei em usar

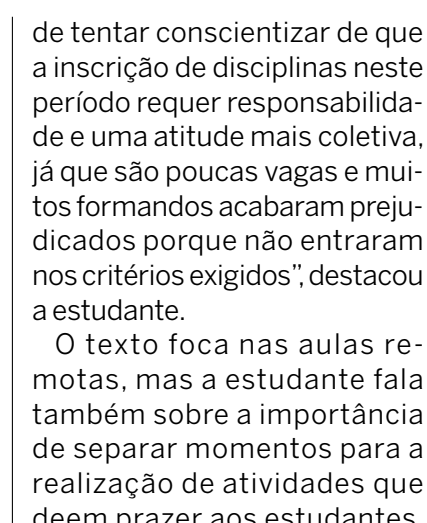
a minha experiência pra tentar ajudá-los a passar por esse processo”, explicou a estudante de 22 anos. “Eles estão tão desesperados quanto eu fiquei, no início”, contou.

“O material é um livreto, em formato PDF, que explica o que é o período de aulas remotas, apresenta o calendário completo da graduação, com os períodos de inscrição e trancamento de disciplinas, dá dicas de como organizar a rotina de estudos, sugere critérios para que os alunos escolham melhor suas aulas, entre outros conselhos. “As informações oficiais estavam pulverizadas, as pessoas estavam com dificuldade de encontrar um conjunto seguro de informações. Então tive a ideia de reuni-las”, contou. “Além

de tentar conscientizar de que a inscrição de disciplinas neste período requer responsabilidade e uma atitude mais coletiva, já que são poucas vagas e muitos formandos acabaram prejudicados porque não entraram nos critérios exigidos”, destacou a estudante.

O texto foca nas aulas remotas, mas a estudante fala também sobre a importância de separar momentos para a realização de atividades que deem prazer aos estudantes. “Estamos em casa para cuidar da nossa saúde. A nossa saúde mental também faz parte deste processo. Se você não cuidar da sua saúde mental, a sua saúde física fica prejudicada”.

O guia já é um sucesso. “Se a gente pudesse resumir em pou-



DANIELLE, de 22 anos, elaborou o guia

cas palavras, eu diria que é leve, claro e objetivo”, elogiou Sara Raquel Araujo da Silva, também estudante da Faculdade de Letras. “Ele leva em consideração

a nossa rotina, até em relação ao tempo de leitura do documento, que dura menos de cinco minutos. Com certeza é para ser lido e compartilhado”, defendeu. “O material da Danielle está aprovadíssimo! Já passei para todos os meus alunos”, contou a professora Juliana Esposito Marins, da Faculdade de Letras. “Ela mostra uma preocupação em ajudar as pessoas, que é algo muito relevante, sobretudo neste momento”, avaliou a docente. Para a professora, o tutorial elaborado pela estudante casa com as preocupações do corpo docente, sobre como melhorar suas práticas pedagógicas no Período Letivo Excepcional. “Temos discutido a linguagem, como nos aproximarmos mais dos nossos alunos, como res-tabelecer o vínculo afetivo tão fragilizado neste momento conturbado e o texto dela vai exatamente nesse sentido. É nota mil”.

Apenas 3250 alunos pediram chips

> Número é três vezes menor que o esperado pela administração central e reflete a quantidade de inscritos no edital de inclusão digital da universidade

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A UFRJ fechou a licitação para a aquisição de chips de internet para que os estudantes em maior vulnerabilidade econômica tenham acesso às aulas remotas. Mas o número ficou abaixo do calculado inicialmente pela administração central. De 13 mil chips previstos, a compra foi fechada em 3.250 unidades. O vice-reitor, professor Carlos Frederico Rocha, explica que a quantidade – quase três vezes menor – foi uma adequação da licitação à demanda dos alunos. “Esperávamos que todos os estudantes perfil PNAES se inscrevessem para a aquisição do chip, mas pouco mais de três mil requisitaram o equipamento. O que é uma boa notícia, pois a exclusão digital dos nossos alunos não era tão grande quanto imaginávamos”, diz. Ao todo, 3.253 estudantes so-

licitaram os chips. Desses, 3.158 foram contemplados. A maior parte, 3.026 alunos, é de graduação, 90 de mestrado e 42 de doutorado. A franquia de internet varia para cada grupo. Os graduandos receberão chips de 50GB, os pós-graduandos, de 30GB. Por mês, a universidade desembolsará o valor de R\$ 38.447,60 para pagar o fornecimento de internet a esses estudantes. O auxílio é previsto para durar seis meses, mas pode ser prorrogado. Também serão comprados chips de 20GB para dar suporte às atividades administrativas da universidade, exercidas em *home office*.

A universidade também anunciou o resultado do edital de ajuda financeira para aquisição de equipamentos de informática. Participaram da seleção 3.757 candidatos. O auxílio foi concedido a 3.438 estudantes, após cruzamento dos dados com o questionário feito pela reitoria, para levantar informações sobre acesso à internet e equipamen-



“Esperávamos que todos os estudantes perfil PNAES se inscrevessem para a aquisição do chip, mas pouco mais de três mil requisitaram o equipamento. O que é uma boa notícia, pois a exclusão digital dos nossos alunos não era tão grande quanto imaginávamos”

CARLOS FREDERICO ROCHA
Vice-reitor

tos. Apenas os que responderam que não tinham smartphone, tablet ou computador foram aceitos no programa. São 3.327 estudantes de graduação e 111, de pós. Mas a UFRJ esperava até sete mil inscritos. “Os números abaixo das nossas projeções são uma boa notícia também porque nos permitem remanejar os recursos para ampliar o tempo da oferta de auxílios já existentes ou criar novas frentes”, destaca o pró-reitor de Políticas Estudantis, Roberto Vieira.

A ajuda será paga em parcela única, de mil reais. O pró-reitor de Planejamento e Finanças, Eduardo Raupp, estima que a PR-3 consiga efetuar os pagamentos a todos os alunos contemplados em uma semana. Os estudantes precisarão prestar contas do uso do recurso à PR-7.

Outro ponto do programa de inclusão digital da UFRJ é a oferta de cem reais para compra de modem. O dispositivo é destinado para os alunos que declararam ter itens de informá-

tica, mas que não tinham acesso à internet. Das seis mil vagas ofertadas, apenas 322 alunos se inscreveram e 319 foram beneficiados.

Cap FOI INCLuíDO

Como a procura ficou abaixo do esperado, a universidade também vai contemplar os estudantes do Colégio de Aplicação. O processo de inscrição para a aquisição dos chips ainda está em andamento e se encerra neste dia 31. O edital atenderá até 120 estudantes. Haverá, ainda, ajuda de mil reais para aquisição de componentes de informática e de cem reais para aquisição de modem. Os estudantes podem se inscrever em até duas das três modalidades de auxílio. O edital é aberto a estudantes do ensino fundamental e médio.

Os estudantes do CAP, da educação infantil ao ensino médio, também terão acesso ao auxílio emergencial de R\$ 200 por quatro meses. O valor é o mesmo pago aos alunos da graduação e pós-graduação. Os recursos destinados aos estudantes são de verbas do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES).

A diretora do colégio, professora Maria de Fátima Galvão, comemora a conquista. “A inclusão digital dos nossos estudantes é algo que desejamos há muito tempo. E também que fossem contemplados com a assistência estudantil, em editais com verbas do PNAES. Esse primeiro passo, de ter um edital montado pela PR-7, é muito importante para nós”.

Unidade marca assembleia de professores da UFRJ

> Primeiro encontro virtual deliberativo analisou a conjuntura e elegeu delegação para o Conad

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

O dia 27 de julho de 2020 entrou para a história da AdUFRJ. Nesta data, por força da pandemia, ocorreu a primeira Assembleia Geral virtual dos professores da universidade. A reunião, que chegou a contar com 125 docentes, aprovou a delegação ao Conselho Nacional de Associações Docentes (Conad) do Andes, de forma unânime.

O Conad, que aconteceu nos dias 30 e 31 de julho, discutiu a prorrogação do mandato da diretoria do Andes. O processo eleitoral, marcado para este ano, foi suspenso em função da crise de saúde pública.

A delegação da AdUFRJ foi eleita com o compromisso de votar a resolução proposta pela direção nacional, que estende o mandato dos atuais dirigentes por até 90 dias, com possibilidade de ampliação por até mais 90 dias. “Mesmo sendo oposição à atual diretoria do Andes, a diretoria da AdUFRJ entende que o momento é de formar uma unidade poderosa contra o governo Bolsonaro. Precisamos caminhar juntos”.



“Mesmo sendo oposição à atual diretoria do Andes, a diretoria da AdUFRJ entende que o momento é de formar uma unidade poderosa contra o governo Bolsonaro. Precisamos caminhar juntos”

ELEONORA ZILLER
Presidente da AdUFRJ

Eleonora (como delegada, com direito a voz e voto) e os professores Luis Acosta e Marinalva Oliveira (como observadores, com direito a voz) foram os representantes da AdUFRJ ao evento sindical. Se algum dos observadores não pudesse mais participar das atividades, seria substituído pela professora Janete Luzia Leite.

DEBATE

Durante o debate da assembleia sobre a conjuntura, o diretor da AdUFRJ Josué Medeiros destacou que o governo continua perigoso, apesar da mudança de comportamento do presidente, agora mais contido. Mas alguns fatos recentes também

dão esperança aos setores progressistas, como o surgimento dos movimentos antifascistas entre as torcidas de futebol, as paralisações dos entregadores de aplicativos e a aprovação do novo Fundeb: “Se confirmado no Senado, o primeiro direito que a gente conquista desde o golpe de 2016 veio da Educação. Temos que focar bastante nessa vitória”, afirmou.

Professora do Colégio de Aplicação, Cristina Miranda tratou do desafio da educação na pandemia. Chamou atenção para o que está sendo feito no site do CAP e convidou os docentes do ensino superior a pensar outras formas de vínculo com os alunos. “Que não sejam as que as grandes corporações defendem e tanto precarizam nosso trabalho”, ressaltou.

INTÉRPRETES

A primeira assembleia virtual também contou com a participação de duas intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras). “Foi um primeiro teste para favorecer a participação dos professores surdos”, explicou Eleonora. A iniciativa será avaliada em futuras reuniões da seção sindical.

VOTAÇÃO

Como não se tratava de um ponto polêmico, a votação da delegação ocorreu por uma ferramenta de pesquisa do aplicativo Zoom. A diretoria estuda a melhor forma de deliberar nas próximas assembleias da AdUFRJ.



CONAD AMPLIA MANDATO DA DIRETORIA NACIONAL

Presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller conta como foi o Conselho Nacional de Associações Docentes (Conad), primeiro grande evento virtual do Andes, entre os dias 30 e 31. Eleonora foi a delegada da AdUFRJ (com direito a voz e voto) ao evento. Também participaram os professores Luis Acosta, da Escola de Serviço Social, e Marinalva Oliveira, da Faculdade de Educação, como observadores (com direito a voz). O Conad reuniu 64 delegados, 133 observadores e 7 convidados, totalizando 204 participantes.

O que ficou decidido?

O texto de resolução 10, que prorroga o mandato da atual diretoria por até 90 dias, foi aprovado integralmente. Ao final desse período, um novo Conad reavalia a situação, podendo prorrogar a gestão por até mais 90 dias. Por 28 a 23, foi aprovado o entendimento de que não poderia haver alterações nos textos

dos TRs, dificultando o surgimento de um texto unitário.

Qual a importância da realização do Conad?

É muito importante que não percamos o funcionamento das entidades sindicais, ainda que remotamente, como temos feito na AdUFRJ. O Conad deu a legitimidade política para o Sindicato Nacional continuar existindo.

ASSISTÊNCIA MAIOR NA PANDEMIA

Além de auxílios para aulas remotas e do auxílio emergencial, a universidade também direcionou recursos para pagar bolsas para estudantes do alojamento; para auxílio alimentação; ajuda de custo para compensar a falta do transporte gratuito da universidade; entre outras iniciativas.

“Conseguimos abarcar desde estudantes da educação infantil até a pós-graduação. Ofertamos quase 30 mil vagas para nove tipos de auxílio criados no contexto da pandemia”, explica Vieira. Apesar do número expressivo, pouco menos de 10 mil estudantes se inscreveram para os editais e 9.176 alunos

foram contemplados com as medidas.

Para o DCE Mario Prata, a baixa adesão reflete as preocupações levantadas pelo movimento estudantil ao longo das discussões sobre a implantação do ensino remoto na UFRJ. “Os editais foram feitos a partir das demandas dos estudantes,

o que é uma vitória. Mas há muito mais questões além do acesso aos equipamentos. E se refletem na procura abaixo do estimado, mas também na adesão ao próprio PLE”, avalia a estudante Natália Borges, da direção do DCE. “Recebemos muitos estudantes que só conseguiram acessar a internet

quando os editais já tinham fechado, outros, que nem tomaram conhecimento dos editais. Fora as questões de saúde mental na pandemia, com famílias perdendo sua renda, perdendo parentes, alunos precisando trabalhar como entregadores de aplicativo. É um quadro bastante complexo”.

“COMO PODEMOS TER OUTRO TIPO DE AULA E DE ENSINO-APRENDIZAGEM?”

KIM QUEIROZ
comunica@adufrrj.org.br

“Como aproveitar esse momento para introduzir algumas modificações a partir de uma reflexão sobre a pedagogia no ensino superior?”, indagou Ana Lucia Fernandes, professora da Faculdade de Educação no “Tamo Junto”. O bate-papo virtual, promovido todas as sextas-feiras pela AdUFRJ, discutiu o ensino remoto e a educação no pós-pandemia, no último dia 24. Ana Lucia exibiu aos participantes do encontro a gravura francesa de uma sala de aula, pintada ao final do século XIX. “A configuração de aula é igual”,



apontou. “Como professores, nós deixamos de estar de um lado da sala e passamos a estar no outro. Mas as práticas tendem a ser as mesmas”, completou.

As circunstâncias da pandemia, de acordo com a docente, impõem uma necessidade de se repensar essas práticas de ensino. “O quadro de giz foi a grande tecnologia de aprendizagem da escola. Foi ele que configurou o ensino na forma como a gente tem até hoje”, afirmou. Ana acredita que o ensino remoto pode modificar isso. “Não se trata de uma mera soma de ensino remoto com ensino presencial, mas pode se tratar de uma nova forma de trabalhar”, declarou a docente.

Segundo ela, só essas reflexões poderão solucionar problemas como a alta taxa de evasão de alguns cursos. “Aquilo que

chamamos de didática no ensino superior está muito mais ligada a como o professor pode mediar o processo de construção do conhecimento do aluno”, disse Ana.

“Porém, todas essas mudanças só podem acontecer de forma coletiva. A questão é pensar como, na nossa instituição, nós podemos ter outro tipo de aula e de ensino-aprendizagem”, finalizou Ana Lucia.

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, vê caminhos possíveis para as mudanças dentro da UFRJ. “O Complexo de Formação de Professores podia ser um lugar em que a gente começasse a transformar essa discussão”, disse, em referência à política institucional de organização da formação inicial e continuada de professores da educação básica.

CONSELHO DE REPRESENTANTES DISCUTE AULAS GRAVADAS

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

As gravações e reproduções das aulas durante o período letivo emergencial foram o foco do Conselho de Representantes, na terça-feira (28). Pesa na balança, de um lado, a demanda dos estudantes para que os conteúdos estejam disponíveis nas plataformas, facilitando o acesso em tempos de pandemia. Do outro lado, a ressalva de parte dos docentes em relação à proteção da própria imagem e da produção intelectual.

A AdUFRJ atua para assegurar o direito dos professores que não gravarem aulas. A posição tem como base o reconhecimento da autonomia pedagógica. “Esta é uma posição legítima, que diz respeito

à liberdade de cátedra e ao direito de todos têm de definir o modo de relacionamento com seus alunos”, avalia Eleonora Ziller, presidente da seção sindical. Contudo, a associação docente enfatiza também a importância do diálogo com os alunos.

“Consideramos legítima a reivindicação dos estudantes. E orientamos os professores a reconhecer essa necessidade e conversar diretamente com seus estudantes”, afirmou Eleonora. Durante a conversa com os conselheiros, ela defendeu uma posição solidária e inclusiva. E destacou o fato de que “noventa por cento dos estudantes considerarem as aulas como principal conteúdo da formação universitária” merece reflexão. “A verdade é que a

minorias chega, de fato, a realizar pesquisa, fazer iniciação científica ou extensão”, frisou.

Alguns conselheiros fizeram críticas à baixa qualidade do ensino não presencial. “Acho importante o debate aberto com o DCE (Diretório Central dos Estudantes). Não é possível [que façam] uma campanha que coloque as aulas gravadas como sinônimo de quem tem compromisso, versus quem não tem compromisso”, ressaltou a professora do NEPP-DH, Fernanda Vieira. “Aulas gravadas já são perda de qualidade”. O tema dos direitos de imagens esteve entre as principais polêmicas apresentadas pelos docentes, nos debates sobre o ensino remoto emergencial, promovidos pela AdUFRJ, desde o início da discussão na UFRJ.

Um dos fatores é o receio de futuras represálias políticas. As áreas de Humanas, Sociais e Aplicadas se colocam como mais sensíveis. “As gravações nos expõem profundamente. Principalmente, para quem trabalha com temas da atualidade, muitas vezes trazidos pelos nossos alunos”, ponderou a conselheira da Faculdade de Direito, Luciana Boiteux.

DIREITOS DE IMAGENS

A AdUFRJ anunciou no Conselho de Representantes que pretende contratar uma assessoria jurídica especializada para avançar nas questões referentes a gravações e reproduções de aulas. “A nossa advogada sugeriu uma consultoria. Nossa ideia é realizar um encontro com os conselheiros. Mas, para

que possamos aproveitar melhor o investimento, precisamos de um esforço para sistematizar as questões mais relevantes”, informou Eleonora.

PLATAFORMAS LIVRES

Outra pauta levantada pelos docentes no CR foi o local virtual para realização do ensino remoto emergencial. “Na Faculdade de Educação, avaliamos ser importante impulsionar plataformas públicas e não naturalizar o uso das privadas”, pontuou a professora Ângela Santi. “Não custa lembrar que o Moodle não permite que se salve ou se coloque os arquivos em outro lugar. E só tem acesso à aula quem for da turma”, acrescentou, ainda, Patrícia Mallmann, da FACC. “Usar plataformas privadas é um tiro no pé”.

CIVILIZAÇÃO X BARBÁRIE

PERSEGUIÇÃO AOS
DEMOCRATAS

> Governo Bolsonaro criou dossiê contra 579 servidores federais que, segundo os investigadores, integram movimentos antifascistas. Três professores universitários estão entre os perseguidos

KIM QUEIROZ
comunica@adufjrj.org.br

O autoritarismo cresce cada vez mais no governo Bolsonaro. O Ministério da Justiça e Segurança Pública criou um dossiê com os nomes e, em alguns casos, fotografias e endereços das redes sociais de 579 servidores federais e estaduais de segurança identificados como “integrantes do movimento antifascista”. Três professores universitários também são citados no documento, produzido em junho pela Secretaria de Operações Integradas (Seopi).

Os professores universitários na mira do governo são: Paulo Sérgio Pinheiro, ex-secretário nacional de Direitos Humanos no governo FHC e ex-integrante da Comissão da Verdade; Luiz Eduardo Soares, cientista político e ex-secretário nacional de Segurança Pública no governo Lula; e Ricardo Balestreri, secretário estadual de Articulação da Cidadania do governo do Pará e ex-presidente da Anistia Internacional no Brasil.

“É particularmente grave que um dos alvos desse monitoramento seja o professor Paulo Sérgio Pinheiro, que foi minis-

tro, membro da Comissão Nacional da Verdade e atualmente tem posições importantíssimas no âmbito da ONU”, apontou Lucas Pedretti, doutorando no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ. “É uma pessoa que tem uma trajetória inequívoca de defesa dos direitos humanos”, completou o pesquisador.

Além de uma “relação de servidores da área de segurança pública identificados como mais atuantes”, montada a partir das assinaturas de dois manifestos policiais em defesa da democracia, o relatório da Seopi também inclui cópias em PDF do livro “Antifa – o manual antifascista”, do professor de história Mark Bray, e de um “manual de terrorismo BR”.

“A gente tem visto uma escalada autoritária do governo. Acontece na área ambiental, nas periferias, e atinge também a nós nas Universidades”, disse o cientista político Josué Medeiros, diretor da AdUFRJ. Segundo o professor, o dossiê é apenas mais um capítulo deste movimento. “Essa é a característica principal desse governo, a tentativa de silenciar, ou mesmo destruir, todo mundo que pensa diferente”, completou.

Pedretti entende que o foco do

dossiê é revelador. “Sinaliza que o governo tem muito interesse em manter certo controle ideológico sobre as forças de segurança pública”, disse. “Bolsonaro acredita que pode controlar e mobilizar essas bases armadas em um eventual momento em que deseje avançar na direção de uma ruptura institucional”.

O dossiê foi endereçado a diversas instituições, como a Polícia Federal, o Centro de Inteligência do Exército, a Polícia Rodoviária Federal, a Casa Civil da Presidência da República, a Agência Brasileira de Inteligência e a Força Nacional.

Há o receio de que essa disseminação das informações possa desencadear perseguições políticas e retaliações dentro dos órgãos públicos. “Muitos podem considerar esse monitoramento inofensivo, mas a gente sabe que antes do golpe de 64 houve uma série de iniciativas de montagem de dossiês”, lembrou Pedretti. Para ele, os indícios dessa mentalidade autoritária são muito perigosos, e devem ser combatidos e repudiados. “A gente nunca sabe aonde esses dossiês vão dar”, alertou.

Dirigida por um delegado da Polícia Civil do Distrito Federal, nomeado em maio pelo ministro André Mendonça, a Seopi tentou



contornar a Lei de Acesso à Informação carimbando os documentos como de “acesso restrito”. Esse critério adotado pela secretaria prevê que, somente em um prazo de cem anos, o dossiê poderia ser acessado pelos agentes públicos legalmente autorizados e pelas pessoas a que se referir. Mas o Portal UOL conseguiu acessar o material e noticiou o fato no dia 24.

Maria Paula Araújo, professora do Instituto de História, destaca a incongruência na ação do governo. “É como se os direitos humanos fossem inimigos,

e a defesa deles vista como uma prática condenável, que torna uma pessoa perigosa”, disse. Ela critica o uso de instrumentos de Estado pelo governo para perseguição de seus inimigos políticos e ideológicos. “Remete às práticas da ditadura”, finalizou.

Em nota à imprensa, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns, da qual Paulo Sérgio Pinheiro foi o primeiro presidente, repudiou a ação secreta por agentes de Estado, e exigiu resposta do ministro da Justiça, André Mendonça.

LUTA E CULTURA INDÍGENA EM TELA NO CINEADUFRJ

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufjrj.org.br

“São 520 anos do maior genocídio da humanidade, que nunca parou”. A constatação da antropóloga visual Chang Maia, curadora do Museu do Índio e consultora da Unesco para documentação de línguas e culturas indígenas, foi feita no terceiro cinedebate da série Racismo e Democracia. No dia 29, o evento promovido pela AdUFRJ e pelo Grupo de Educação Multimídia da Faculdade de Letras teve como tema a produção audiovisual na luta indígena.

Foram selecionados 5 filmes para o debate, dois com enredo ficcional e três documentários: “O Abraço da Serpente”, de Ciro Guerra (2015); “Índio Cidadão?”, de Rodrigo Siqueira (2015); “Martírio”, de Vincent Carelli (2016); “Ex-Pajé e Guer-

ras do Brasil.Doc”, de Luiz Bolognesi (2018).

“A escolha desses filmes foi para abrir o horizonte. São mais de 500 anos contados, é uma redescoberta da história do Brasil”, explicou a indígena e artista plástica Daiara Tukano, descendente da etnia Tukano, que vive na fronteira do Brasil com a Colômbia, e coordenadora da Rádio Yandê. Ela acredita que os povos indígenas não podem ser definidos pela raça. “Índigena não é uma raça. Estamos em todos os continentes”, afirmou. “Nossa identidade é definida por nossa relação com o mundo, pela nossa cosmologia. Isso vai de encontro com o pensamento antropocêntrico”, definiu.

Daiara se sentiu representada pelo teor documental e realista da seleção. Os filmes questionam a perspectiva ocidental

de tempo e lugar. E, para os indígenas, esses conceitos são interpretados de maneira não linear. “Partindo do princípio dos não-lugares e não-tempos, esses filmes começam a dialogar de outras formas”, disse. “Eu me identifiquei, eu fiquei triste. São fatos reais, consigo ir naquele território, entender aquela mata”.

Para o pesquisador em linguística e professor da UFRJ, Marcus Maia, os indígenas possuem uma qualidade primordial. “São capazes de escutar, e não apenas ouvir. Essa capacidade de escuta é o que gera saberes”, afirmou. Os saberes são passados de geração em geração por um pajé. A recente morte do pajé e ator de “O abraço da serpente”, Antonio Bolívar, em decorrência do coronavírus, foi lembrada no evento. “A doença chegou naquele lugar



PAJÉ ANTONIO BOLÍVAR no filme O abraço da Serpente

pela fronteira. Ele era um pajé, participou da produção sendo ele mesmo, para além do documentário”, lamentou Daiara.

